

KEKO DE COPA CABANA

ABSINTO LITERARIO

É O CONTO DO
KEKO DO
KEKO DE
COPACABANA



WILL MONTEATH



KEKO DE COPACABANA

É O CONTO DO KEKO, DO KEKO DE COPACABANA

KEKO DE COPACABANA

É O CONTO DO KEKO, DO KEKO DE
COPACABANA



WILL MONTEATH
1ª EDIÇÃO

Copyright © Will Monteath, quarentena de 2020



Keko de Copacabana
É o Conto do Keko, do Keko de Copacabana
Will Monteath

Diagramação:
Absinto Literário

Revisão:
Charles Monteath
Leonardo Flag
Renata Lehmann

Ilustrações:
Stefano Lolli

Projeto Gráfico e Editorial:
3 Pulin
Absinto Literário



Monteath, Will,
Keko de Copacabana – É o Conto do Keko, do Keko de
Copacabana
1ª Edição

Will Monteath, Florianópolis – SC: 2020
ISBN: 9798676884970

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa do autor.

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

LISTA DE PRESENÇA:

< 1 > DONA ZEZÉ do 501	7
< 2 > ROGERINHO do 701	13
< 3 > MARILUCI do 801.....	18
< 4 > MOACIR do 602	23
< 5 > PLÍNIO do 502	29
< 6 > SENHORA VIRGÍNIA do 802	35
< 7 > GUIMARÃES do 402.....	41
< 8 > MR. IOSO do 401	46
< 9 > GILMAR do 601	51
< 10 > MARIA AMÉLIA do 702	56
< 11 > VALTINHO do 1001	61



Dedicado à *Copacabana e seus personagens.*

< 1 >
DONA ZEZÉ DO 501



Rua Cinco de Julho, número 364. Os condôminos estavam eufóricos! Afinal, onde já se viu trocarem, sem decisão soberana de assembleia, ou sem qualquer outra autorização prévia, o pomposo nome “Edifício Bandeirante Borba Gato” para “Keko de Copacabana”?

O novo letreiro estava lá – KEKO DE COPACABANA – reluzente em fonte gótica e disposto na entrada do prédio para quem quisesse contemplar, com as letras esculpidas em pedras brancas que saltavam com o contraste da base negra rajada do chiquérrimo mármore Nero Marquina.

– Parece uma lápide – exclamou Dona Zezé, arrancando concordância dos presentes, menos do porteiro Raimundo, que estava maravilhado com tanta *chiquereza* – palavra usada pelo próprio.

Manuel de Borba Gato fora um célebre bandeirante paulista, que participou de admirável expedição em busca das sonhadas esmeraldas e acabou descobrindo o filão de ouro das minas de Sabará. Mas, dane-se, o que importava mesmo era o Keko de Copacabana – pelo menos era assim que ele deveria ajuizar em causa própria.

Uma reunião de condomínio foi marcada em caráter de urgência para debater a repentina mudança. Sabia-se das benfeitorias do Keko. Sabia-se que ele havia comprado o primeiro andar inteiro, transformado em garagem e doado aos moradores. Mas Dona Zezé não era boba. Ela afirmava aos quatro ventos que era uma estratégia do Keko para disfarçar o segundo andar, também comprado por ele e transformado em sua garagem particular. Uma coleção de carros antigos, ao que parece. Sabia-se também que ele havia adquirido o terceiro andar e o

transformado em um suntuoso salão de festas, com confortáveis cadeiras imperiais.

A reunião de condomínio tomava seu lugar ali, no provável salão de festas mais majestoso do bairro, pau a pau com o do Copacabana Palace. Alguns de chinelo havaianas, outros de Rider, os homens com camisa regata, e as mulheres com vestidos de pano solto ou trajes de academia. Quase todos destoavam das cadeiras que poderiam ser ocupadas por Luís XV, assim como não combinavam com os lustres que esbanjavam cascatas de cristais e com qualquer outro mobiliário rococó presente. Tudo doado, é claro, pelo generoso Keko. Tudinho mesmo.

Dona Zezé havia feito as unhas para a reunião emergencial, que faziam com que o salão real exalasse aquele cheiro forte composto de parabens, formaldeídos e toluenos – provável causa-mortis de seu marido, que faleceu em um ataque de asma. Um das poucas qualidades da senhora viúva eram suas unhas sempre impecáveis, feitas semanalmente por Zuleica, que a atendia em domicílio. Zuleica foi a décima sétima manicure a ser testada por Zezé. Foi a que ficou, a que deu certo. Sucesso! Valente, Zuleica era a única capaz de aguentar tanta negatividade e comentários ácidos vindos de uma mesma pessoa. Zuleica precisava trabalhar, tinha cinco bocas para sustentar e resolveu que não se importaria com as críticas pesadas ao seu cabelo crespo. Talvez um dia, quando tivesse dinheiro, mandaria matar a Dona Zezé. Mas esse era um problema para um futuro hipotético que ela decidira que não se preocuparia por agora.

Dona Zezé não dava a caixinha de natal pros porteiros. Não dava esmola pros pedintes. Não segurava a porta do elevador. Não ensacava o lixo arremessado pelo incinerador. Não dava bom dia, nem desejava nada de bom pra ninguém. Dona Zezé catava todos os camarões dos pratos de bufê a quilo nos

restaurantes de Copacabana. Dona Zezé sempre me chutava quando me via na rua, sorte que eu sou rápido.

Uma vez, o Plínio, vizinho do 502, cansado de tanto azedume ao esbarrar com a senhora no corredor, teve a brilhante ideia de presentear-a com um gato. Era um felino rajado amarelo, manso e dócil, que um amigo havia recém resgatado de um abrigo da periferia. Dona Zezé abriu um meio sorriso amarelo ao receber o animal e, sem muita relutância, concordou em levá-lo para casa. Poderia ter sido bem pior. Plínio ficou impressionado. “Leite e ração bastam” – foram suas últimas palavras. Ela assentiu e resmungou. Em menos de três dias o gato fugiu. De vez em quando eu esbarro com ele por aí, se esgueirando por entre os guetos de Copacabana. Um animal triste e amargurado revirando latas atrás de restos. Ele prefere assim mesmo.

As unhas de Zezé estavam pintadas de marrom pecan. Última moda. Dos condôminos presentes, era a que estava mais bem vestida – segundo a própria avaliação. Pensava que a cadeira de Luís XV lhe servia bem, diferente da escumalha do edifício com quem se sentia obrigada a conviver. Aquele móvel lhe pertencia, lhe abraçava, parecia feito sob medida. Ela escorregava as ancas pela poltrona soberana, num encaixe perfeito. Em sua mente, o paradoxo estendido no prédio, reinava. Se por um lado, ela gostava dos mimos e benfeitorias do Keko, por outro, ela não poderia concordar com aquela mudança repentina de nome. Pelo menos não assim, de graça.

Keko ocupava os dois apartamentos do décimo e último andar, os havia fundido em um único, o mais espaçoso do prédio. Dona Zezé sempre teve a curiosidade de conhecer a residência de Keko. Se o salão já era um luxo só, imagina como seria sua residência? Um desbunde. Imaginava uma cama esculpida em ouro, torneiras de marfim e cortinas esvoaçantes de seda que

deixavam os raios solares iluminarem os tapetes persas. Daria um mindinho para poder se enfronhar algumas horas por ali. Quem sabe não levaria um souvenir como lembrança do *tour* em troca do mindinho? Se fosse para compensar o dedo, haveria de ser algo na casa do milhão. Milhão de dólares, é óbvio.

Ela sabia, apesar de não ter nada oficialmente confirmado, que os dois apartamentos abaixo de Keko, o 901 e o 902, estavam vazios, e que, certamente, deveriam pertencer a ele. Que estavam vazios era um informação oficial, entretanto, sua posse nunca fora divulgada. Para Zezé era óbvio que o magnata os adquiriu por uma questão de privacidade. Poderia pular da cama dourada ao chão com violência, mesmo sem aterrizagem no tapete persa, que ninguém iria reclamar. Ora essa, depois dizem que o dinheiro não traz felicidade!

Olhando para as unhas pintadas de marrom pecan, ela revisitava seu *masterplan*, que era aceitar o novo nome do prédio na condição da doação do nono andar para o condomínio. Requisitaria um salão de beleza completo, para que a enxerida da Zuleica não precisasse frequentar mais seu apartamento e, ao mesmo tempo, para que não necessitasse mais circular pelo bairro imundo de Copacabana. Zezé merecia estar em Paris, em Londres, ou em alguma capital compatível com seu senso estético e cultural, mesmo ela não falando qualquer outro idioma senão o português. Não importava, ela merecia. Fim de papo.

Enquanto sua mente girava solene em torno da Torre Eiffel e atravessava com leveza o Arco do Triunfo, uma cabeçada no relógio Big Ben lhe despertou para outro tema importantíssimo e que precisava ser endereçado na reunião de condomínio. Afinal, quando os condôminos iriam finalmente ter a oportunidade de conhecerem pessoalmente o famoso Keko?

Dona Zezé estava orgulhosa de ter sido ela a solicitante da reunião emergencial que estava prestes a começar. As águas de março iriam rolar, mesmo sendo dezembro.

< 2 >

ROGERINHO DO 701



Rogerinho não queria estar ali. O jovem de quase trinta anos, atendeu um pedido de Davi, seu pai, que se recusava a participar de uma reunião de condomínio. Ele andava muito ocupado com as palavras cruzadas Coquetel nível médio. O rapaz morava de aluguel com o pai e com a irmã mais nova, que havia acabado de se formar em medicina e que estava fazendo residência. A Estrela da Família.

O proprietário havia requisitado que Davi comparecesse à reunião para representar seus interesses. Davi deu dez reais para que Rogerinho comparecesse à reunião e representasse os interesses do proprietário. Rogerinho aceitou e ofereceu cinco reais para sua irmã, para que ela representasse os interesses do proprietário. Ela o mandou à merda, falando sem paciência, bem assim: “vai à merda, tá sabendo?” E Rogerinho estava lá, não na merda, mas na assembleia, para representar os interesses do proprietário, que ele não fazia ideia de quais eram.

Ao contrário da irmã, a Estrela da Família, Rogerinho até então, como previsto desde sua formação fundamental, não apresentara grandes resultados na carreira. Formado em administração numa faculdade de terceira linha, seu maior emprego havia sido de auxiliar em uma locadora na Rua Domingos Ferreira chamada *Canadian Videos*. Foram dois anos de sucesso recomendando filmes, recebendo fitas-cassetes, e chamando a atenção dos clientes que entregavam a fita sem rebobinar. Muitas eram aplicadas somente para quem merecia. Meninas de seu agrado, geralmente, estavam isentas. Rogerinho rebobinava as fitas com prazer.

Há dois anos ele recebeu parte da herança de sua avó paterna e usou o dinheiro para dar o pontapé inicial na carreira de investidor. Alguns dias atrás, num boteco chamado Chuva de Prata, havia conhecido o Tony, um cara sério, de terno escuro e

gravata listrada. Após uma boa conversa sobre o mundo dos negócios, Tony convenceu Rogerinho a investir em royalties. Era comprar algo sólido e coletar a bufunfa. Batata! Tony chamou o rapaz para que o visitasse no dia seguinte em seu escritório, que ficava aos fundos de uma borracharia na Avenida Princesa Isabel. Rogerinho foi. Foi e saiu de lá orgulhoso, carregando um envelope pardo que continha um papel timbrado, com firma reconhecida, contendo os direitos autorais da música Parabéns Pra Você.

“Porra, não tem erro. Parabéns Pra Você toca todo o ano, várias vezes, em diversos locais”. Rogerinho começou a frequentar festas de aniversário secretamente para, ao final, após o bolo, cobrar seus direitos do aniversariante. Conseguiu um total de doze gargalhadas, quatro brigadeiros, duas línguas de sogra, um pacote de lembrança com o tema dos Power Rangers e um olho roxo. Quase conseguiu o segundo olho roxo quando contou ao pai que havia investido cinco mil reais na aquisição dos royalties do Parabéns Pra Você. Davi ficou puto maluco e foi correndo para a borracharia descer o cacete no malandro Tony que, obviamente, nunca mais havia dado as caras. Toda vez que tocava o Parabéns Pra Você Rogerinho ficava envergonhado, se sentindo humilhado, passando então a evitar qualquer festa de aniversário, inclusive a própria.

Enquanto se sentava meio desajeitado na poltrona imperial aguardando o começo da reunião, sua cabeça dava voltas em temáticas alternadas: de onde viria aquele odor químico e fétido? Se não valeria a pena ele migrar de investidor para empreendedor? E se positivo, como ele faria então para criar uma nova internet, mais rápida e com mais opções de jogos? Precisava de um nome para seu novo projeto. Globalnet ou Interconnect? Rogerinho queria brilhar também, como sua irmã, a Estrela da Família.

A reunião havia começado e Rogerinho continuava viajando, completamente imerso em seu mundinho, já se vendo num futuro milionário. Parou de imaginar o meio do processo e focou no fim. Estava rico. Deitado numa espreguiçadeira de um luxuoso hotel caribenho, estendia a mão para receber de sua irmã, a ex-Estrela da Família, um copo de Piña Colada, enquanto observava golfinhos malabaristas. O copo decorado com guarda-chuvinha colorido, é claro.

Rogerinho não estava nem aí para abertura da Assembleia Geral Extraordinária, presidida pelo Moacir, síndico e morador do 602. Seu universo era bem mais interessante e tropical. A primeira etapa da reunião foi a eleição de um presidente da mesa, peça fundamental para o bom andamento do evento. Pelas palavras do síndico, a recomendação foi a de que deveria ser alguém neutro e aceito por todos. Quando ele pediu que os candidatos a presidente levantassem a mão, ninguém se manifestou. Então as pessoas se entreolharam e, novamente, nenhuma mão foi erguida. Eis que Dona Zezé grunhiu, pigarreou, grunhiu de novo e, num gesto lento, levantou o dedo indicador, elevando a unha marrom pecan que encaixava bem no dedo gordinho e enrugado, em formato de cone, para brilhar no salão imperial. Poderia falar que um raio de sol bateu em suas unhas trazendo uma iluminação toda especial para o local, mas estaria mentindo. O esmalte deveria ter sido batizado de marrom cocô.

Silêncio. Novamente as pessoas se entreolharam preocupadas de aquela ser a única opção. Mariluci, a viúva do 801, que mexia com o imaginário dos homens do prédio, combatente, levantou a mão só para implicar com a intragável Dona Zezé, que não lhe poupava de comentários maldosos. Gilmar entrou na onda e, também, ergueu o braço. De repente, Rogerinho, distraído com seu copo de Piña Colada imaginário, achou que aquilo era um tipo de chamada para conferir os

presentes na reunião, e, num movimento desatento, levantou o braço esquerdo.

– Qual o seu nome mesmo, meu rapaz? – perguntou Moacir, o síndico.

– Rogerio.

– Rogerio do que?

– Rogerio Gomes Granado.

– Apartamento?

– Ehhh... 701.

– Humm... Não me lembro de ter te visto por aqui nas assembleias. Condôminos, este me parece um nome neutro, concordam? Alguém tem alguma objeção?

Cri. Cri. Grilos anunciavam o silêncio.

– Rogerio Gomes Granado, do 701, meus parabéns, você acaba de ser eleito presidente da mesa.

Rogerinho se assustou com as palavras e pensou “brother, que porra é essa?”, porém, em seguida, celebrou discretamente, cerrando e sacolejando o punho à altura da base da poltrona Luís XV. Afinal, nunca havia sido eleito presidente de porra nenhuma.



< 3 >

MARILUCI DO 801



O falecimento do marido de Mariluci foi repentino. Pluft, plaft, boom, morreu. O Advogado Bem Sucedido ocasionalmente almoçava em casa e, nesse dia em especial, ele iria saborear seu prato favorito: strogonoff de carne com arroz branco e batata palha. Mariluci sempre dava um toque especial adicionando uma pitada de alho frito em cima da batata. O Advogado Bem Sucedido afrouxou o nó da gravata, apoiou o paletó sobre uma das cadeiras e se sentou para saborear uma rotineira e magnânima refeição.

– Tem guaraná Antarctica? – foram suas últimas palavras.

Da cozinha Mariluci escutou duas tosses, um grito afônico, e correu já viúva até a sala segurando um copo de guaraná. O Advogado Bem Sucedido havia se engasgado com um generoso pedaço de carne. Foi um choque! Mariluci se sentiu culpada por, na pressa, haver cortado o filé mignon um pouquinho maior do que o habitual. Só um pouquinho, devido ao atraso para a academia. Era aula de alongamento, sua favorita. Ao ver o cadáver do marido deitado sobre a mesa, com a cara encharcada de strogonoff, ela teve um pensamento estranho. Imaginou se caso ele estivesse preso, condenado à morte e tivesse direito a escolher uma última refeição, será que ele teria elegido o strogonoff de carne com alho? Será? Pensou provavelmente que sim, o que lhe trouxe um conforto breve no coração. Depois examinou o prato e viu que o marido havia comido, pelo menos, metade. Ele comia depressa pois andava sempre ocupado, mergulhado entre processos e petições. O conforto passou assim que ela se recordou de suas últimas e nada glamurosas palavras: “Tem guaraná Antarctica?” Que últimas palavras horríveis para um Advogado Bem Sucedido.

Com o falecimento do Advogado Bem Sucedido, pretendentes eram o que não faltavam para Mariluci. Com cabelos castanhos ondulados, um corpo de dar inveja a qualquer mulher, contendo coxas fartas, curvas sinuosas, e covinhas delicadas na bochecha, havia gente que comentava que ela lembrava muito a Luiza Ambiel, a garota da banheira do Domingo Legal do Gugu. Mariluci escutava gracinhas e cortejos pra dar e vender, sobretudo no prédio, na academia e na praia, que eram os três lugares onde ela poderia ser facilmente encontrada. Mariluci frequentava a academia do Gaúcho, na Barata Ribeiro e pegava praia na Constante Ramos com uma turma de amigos das antigas. Ela estava sempre bronzeada. Os homens da academia a apelidaram secretamente de A Viúva da Banheira. Bando de babacas!

Eu ocasionalmente esbarrava com ela no caminho de volta da academia, assim como não era incomum nos esbarrarmos na praia, onde chegamos a trocar olhares. Ela sempre me olhou com cara de nojo, entretanto nunca tomei como algo pessoal. Poderia afirmar que Mariluci não era uma mulher esnobe. Costumava ser até bem simpática e solícita com as pessoas. Naquela quinta-feira, ela era uma das que estavam no salão com roupa de ginástica. Calça de *lycra* preta, um top azul escuro com uma camiseta branca jogada por cima, bem solta, deixando o ombro esquerdo de fora assim como uma pequena fresta da barriga. Dona Zezé bufava o mais puro descontentamento soltando fumacinha pelos olhos. É, dava pra ver sair. Por outro lado, os homens pareciam estar agradados e interessados na moça que se sentava com o corpo todo retinho na cadeira. Postura perfeita, fruto de pilates, yoga, alongamento e musculação, o pacote completo. Rogerinho passou a incluí-la ao seu lado na aventura caribenha. Deitada de costas na espreguiçadeira, de biquíni fio-dental, ela desamarrou a parte de cima do sutiã e pediu que ele a massageasse com o bronzeador.

– Senhor Rogério, o senhor se importaria em ler o edital de abertura? – repetiu o síndico.

Rogerinho piscou o olho rápido, se vendo obrigado a retornar para aquele mundo burocrático e desprovido de Piñas Coladas e bronzeadores.

– O quê? – perguntou o rapaz meio perdido.

– A leitura, senhor Rogerio – Moacir respondeu passando-lhe um papel para que o protocolo de abertura fosse lido.

Enquanto o rapaz lia o tal documento, Mariluci observava de rabo de olho a Dona Zezé, que parecia atenta à leitura. Mariluci pensou que as duas tinham em comum o fato de serem viúvas e, por uma fração de segundos, se solidarizou com a velhota. Logo passou. *Velha rabugenta dos infernos!* Depois refletiu sobre a infeliz coincidência de, um dia antes do falecimento do marido, ter assistido a uma reportagem no RJ TV alertando para os casos de morte por engasgo, mais comum do que imaginamos. Balas, azeitona, pedaços grandes de carne e pipoca eram os principais vilões.

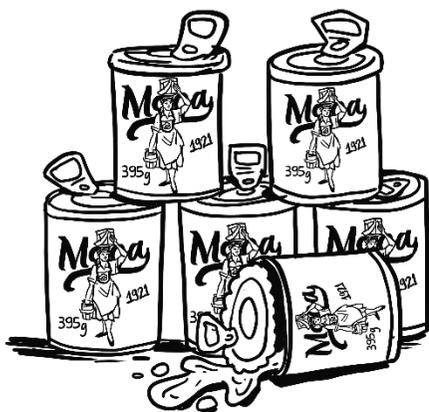
A leitura protocolar já havia terminado, mas não os pensamentos de Mariluci, que agora recordava-se de um episódio peculiar. Estamos falando da fatídica noite em que o síndico Moacir tocou a campainha de seu apartamento numa madrugada de quinta-feira. Pelo olho mágico, ele parecia estar bêbado e segurando um embrulho estranho envolto em papel pardo, algo comprido. O que seria? Ela não lhe abriu a porta e não comentou o caso nem com ele nem com ninguém. Naquela noite Mariluci foi dormir com medo e precisou se tocar para conseguir pegar no sono. Após anos sofrendo de angústia e insônia, descobriu que aquele era o método mais eficiente para lhe fazer dormir.

Estando ali naquela entediante reunião de condomínio somente por haver herdado o apartamento e, encarando os moradores debaterem sobre um tema que pouco lhe interessava, Mariluci lembrou-se de como havia sido boa aquela noite. De repente, suas memórias foram ficando cada vez mais vívidas, fazendo com que uma quentura começasse a subir. Seu corpo ficou sensível e os pelos da coxa grossa arrepiados. Olhou para o síndico Moacir e fez uma expressão de repúdio, parecida com a que fazia quando me olhava. Fitou a cara de bobo de Rogerinho e pensou “hummm... não”. Em seguida reparou nos braços malhados do Guimarães, morador do 402 e pensou “quem sabe, um dia, talvez”. Porém, sua fantasia mesmo, sua luxúria imaginária, era compartilhada com o homem mais importante do prédio, aquele que estava na boca do povo, o benfeitor, o generoso, o misterioso, o endinheirado Keko de Copacabana. Como ele seria? Um homem maduro e sedutor à la Richard Gere? Como ele era poderoso ao ponto de trocar o nome do edifício – refletia suspirosa.

Mariluci rodopiou os olhos pelo salão analisando a possibilidade de Keko estar presente, porém, rapidamente, detectou que todos os rostos ali eram de homens conhecidos e sem graça alguma. Ponderou se deveria falar com Valtinho, o Assessor Discreto de Keko, presente na reunião, que tratava de todos os assuntos do patrão de maneira discreta. A quentura persistia e se intensificava. A viúva começou a se sentir estranha, como há muito não experimentara. Recordou-se que a última vez que se sentiu assim foi em sua noite de núpcias. E não na noite pós-casamento com o Advogado Bem Sucedido e, sim, na madrugada em que celebrou o seu primeiro matrimônio, com o Coronel Poderoso, que faleceu misteriosamente deixando para Mariluci uma larga pensão militar.

< 4 >

MOACIR DO 602



O jornalista Moacir estava desempregado há seis meses, após alguns anos produzindo conteúdo sobre pequenos empreendedores para o Jornal do Comércio. Coisa irrelevante, saca? Ele havia perdido o emprego devido ao número elevado de faltas. Mesmo sendo filiado ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro, ele foi demitido, pois além de ser pouco presente no sindicato, ele não pagava as mensalidades e faltava às reuniões.

Suas ausências, tanto no jornal quanto no sindicato, eram em grande parte devidas ao trabalho voluntário que realizava nas comunidades carentes do Rio de Janeiro. O flamenguista Moacir, entusiasta do esporte, atuava como juiz de futebol para crianças e adolescentes, apitando em campeonatos no Pavão-Pavãozinho, Vidigal e no Morro Dona Marta. Ele era um juiz querido, poucas vezes tinha a mãe xingada. Após as partidas, gostava de conversar com a criançada e, em seguida, aproveitava para dar uma passadinha nas bocas para abastecer o estoque de maconha. Ele gostava de fumar uma pontinha todos os dias ao despertar e, às vezes, antes do almoço. Fumava antes de dormir também. Mas não era viciado não, segundo ele. Dizia que seu único vício eram as latinhas de Leite Condensado Moça. Era uma por dia, no mínimo.

Moacir casou-se com a Suzy, sua contadora, a quem ele devia o pagamento das duas últimas declarações de imposto de renda. Ele dizia que aquilo sim era amor sincero, pois ela aceitou o pedido de casamento mesmo sabendo que ali não havia um tostão furado sequer. Com isso, Moa, como era conhecido, saiu da casa dos pais na Tijuca para morar no apê de Suzy, na Cinco de Julho, e acabou virando padraço do Guilherme, um recém-adolescente que era craque nos estudos e uma negação pros esportes. Pra você ver... nem time de futebol ele tinha, mesmo

com o pai lhe impregnando para que ele virasse flamenguista. Por que todos falam que eu tenho que ter um time? – questionava a si mesmo o rapaz.

O jornalista nunca sonhou em ser síndico, mas acabou se candidatando e vencendo as últimas eleições pois, como ele não estava trabalhando, a grana ficava curta para cobrir as despesas da família e, dessa forma, o condomínio não precisaria ser pago. Melhor do que nada – dizia Suzy, que dava duro no expediente do escritório de contabilidade. Sua adversária na época, Dona Zezé, ficou possessa e o xingou de “maconhista” tão logo saiu o resultado. Assim, na lata, sem dó. Pow! Ele não ligou. Estava chapado demais para dar importância.

Moacir estava de ressaca durante a reunião de condomínio. A verdade era essa! No dia anterior, o Flamengo havia perdido de quatro a um pro Vasco da Gama, que jogou com um a menos desde o final do primeiro tempo. Um gol de Maricá e três do Animal Edmundo, com direito a dancinha e tudo. Assim como o Junior Baiano descontou para o Fla, Moa descontou a raiva na cachaça e acordou no dia seguinte com a cabeça pesada e com uma vergonha colossal por ter perdido 20 reais na aposta com o Gilmar, do 601. Ele não atendeu nenhuma das muitas chamadas que ressonavam sem parar no telefone, aquele da mesinha do aparador da sala. Também deixou o celular desligado para não ouvir gracinhas, mas não teve jeito. Gilmar, provocativo, fez questão de comparecer à reunião com a camisa do Vasco. Camisa preta de manga comprida, com a faixa branca e com os símbolos da Kappa que desciam dos ombros ao pulso. A camisa estava justa e deixava a barriga saliente de Gilmar um tanto quanto marcada, o que irritou o Moa de uma maneira inexplicável.

Para Moacir, tanto fazia se o prédio se chamaria Bandeirante Borba Gato, Keko de Copacabana ou Edifício Quinto

dos Infernos, ele só queria que aquela tortura acabasse o mais rápido possível para poder se trancar no quarto e ler algum livro do Rubem Fonseca. Só o tempo curaria o vexame do dia anterior. Ele imaginava o Flamengo se vingando contra o cruz-maltino em uma apresentação de gala quando percebeu que, uma vez finalizada a leitura da abertura, ele precisava estar atento ao tema central da reunião, já que seu nome havia sido citado.

– Já que o Excelentíssimo Síndico Seu Moacir não se manifesta, pois deve estar viajando no tóxico, eu vou direto ao ponto. Sou absolutamente contra a mudança pra esse nome ridículo, Keko de Copacabana – discorreu com arrogância, Dona Zezé.

– Ahhh, é Edmundo. Quero dizer... apoiado! – completou Gilmar com sorrisinho irritante.

Moacir revirava os olhos durante os comentários-ataques. Os presentes começaram a discutir. Quase todos, com exceção de Valtinho, o Assessor Discreto de Keko, eram contra a mudança do nome do edifício. Rogerinho não tinha opinião formada pois não sabia sobre os interesses do proprietário. Uma maioria estava disposta a aceitar a mudança em troca de alguma coisa, mas as cartas ainda estavam sendo guardadas. Moacir desviou o olhar da barriga marcada de Gilmar para as coxas grossas de Mariluci, o que o fez imediatamente lembrar-se de um episódio, para dizer, no mínimo, pra lá de constrangedor.

Aconteceu há uns dois meses atrás. Era uma quarta-feira. Suzy precisava ficar até mais tarde no trabalho pra entregar um projeto grande que havia entrado de última hora no escritório de contabilidade. Projeto chatérrimo, como tudo que envolve contabilidade. Quando pediu à Moacir que este visitasse a mãe em seu lugar no asilo, ele respondeu que era dia de Fla x Flu, e que ela poderia visitá-la, perfeitamente, no dia seguinte. Suzy

estava estressada e entalada. Aquela palavra – perfeitamente – lhe irritou de uma maneira ímpar e acionou um gatilho vermelho que a fez jogar na cara do marido sua responsabilidade, ou falta dela, pelo sustento da casa. Depois completou que trabalhava que nem uma cachorra de fazenda, e que ele era um inútil que só queria saber de maconha, futebol e de leite condensado. Até aí, tudo verdade, ele sabia. Quando ela falou que nem para dar no couro ele servia mais, pois havia nitidamente perdido o interesse de uns anos pra cá, a coisa explodiu. Suzy havia cutucado com exatidão a ferida do marido. Cravou a unha pontiaguda em sua masculinidade.

Louco de raiva, Moacir fumou um baseado, correu para o Chuva de Prata, tomou duas garrafas de Skol, tomou um táxi até o Maracanã, usou o dinheiro da esposa para pagar o táxi, viu o Flamengo empatar com o Fluminense de zero a zero, xingou o juiz de tudo que foi nome, voltou de táxi para o Chuva de Prata, gastou mais alguns reais da mulher, tomou três garrafas de Skol, pendurou a conta, cambaleou até uma mercearia, comprou cinco latas de leite condensado, empilhou as latas e a envolveu com duas sacolas de sacola de papel pardo, voltou para o apartamento, não conseguiu entrar pois a chave não funcionava, subiu dois andares de escada e tocou a campainha de Mariluci. Em sua cabeça, era a vingança perfeita. Uma noite com Mariluci para provar sua masculinidade. Mariluci, ele e cinco latas de leite condensado seriam suficientes para uma noite inesquecível de luxúria. Ela, viúva, deveria estar carente. Ele, não era de se jogar fora. Em sua cabeça tudo fazia sentido, entretanto a porta não foi aberta. Tentou novamente. Não deu certo. Frustrado, desceu dois andares e tocou a campainha de casa. Nada, nem sinal de Suzy. Sem dinheiro pra outro táxi, foi de ônibus até a Tijuca para dormir na casa dos pais.



– O que você acha, Senhor Moacir? – uma voz lhe trouxe para o momento presente. Era Plínio.

< 5 >
PLÍNIO DO 502



Plínio, morador do 502, era um sujeito normal. Gostava de bife com fritas. Normal. Alugava filmes de aventura. Normal. Gostava de comprar a promoção do Big Mac. Comia as batatas-fritas primeiro e depois o sanduíche. Normal. Botava ketchup nas batatas-fritas e na pizza, maionese no cachorro quente, mostarda escura no croquete de carne da Casa do Alemão e molho de alho na esfirra do Istambul, na Rua Domingos Ferreira. Tudo normal.

Plínio era solteiro e tinha uma namorada de longa data, que já não gostava mais tanto assim. Porém, como ele tinha muito medo da reação dela ao imaginar uma situação de término, ele achava mais confortável manter o relacionamento como estava. E assim, levava nove anos de namoro com a Ester, que conheceu na faculdade. Normal.

Plínio tinha 29 anos, era concursado público da Petrobras, financiou o apartamento em 35 anos e tinha vergonha da batata de perna, pois a achava grossa demais, apesar de ele ser um sujeito magro. Ponderava que Deus o havia feito levemente desproporcional. Portanto, Plínio não usava bermuda e se recusava a ir à praia. Ninguém reparava nisso, senão ele mesmo. Plínio meio que tinha uma obsessão por qualquer tipo de batata, fosse ela a da perna ou a do prato. Normal.

Plínio achou a mudança do nome para Keko de Copacabana deslegante. Talvez fosse o único, de fato, que estava interessado na reunião e que não tinha nenhum interesse escuso ou alguma proposta para pedir em troca da aprovação do novo nome. Ele só queria que o prédio voltasse a se chamar Bandeirante Borba Gato mesmo. O rapaz chegou até a estudar mais sobre o célebre bandeirante antes da reunião, caso julgasse necessária alguma argumentação inteligente a respeito da história relacionada ao nome, mas tal fato não se fez necessário. Normal.

Quando Guimarães pediu a palavra para perguntar sobre uma possível aceitação do novo nome condicionada à transformação do nono andar em uma academia de ginástica, Plínio pediu a opinião de Moacir, pois além de julgar importante a opinião do síndico, ele achava que Moacir seria contra a inusitada sugestão. Plínio preferia não entrar em conflitos e passou a bola. Normal.

– O que você acha, Senhor Moacir? – perguntou o educado rapaz.

Antes que o síndico respondesse, Mariluci soltou umas palavras em concordância com Guimarães:

– Eu apoio a ideia da academia.

Aquilo foi a gota d'água para Dona Zezé. A proposta hedionda de Guimarães, seguida do apoio da Viúva Dadeira, que é como ela se referia a Mariluci, fez com a velha se levantasse exaltada da cadeira, apontasse a unha marrom cocô do indicador para a dupla, e disparasse:

– Vocês são idiotas ou o quê? Se for para transformar o nono andar em alguma coisa, que seja em um salão de cabeleireiro, algo bom pra todo mundo. Seus egoístas!

Plínio ficou desconfortável e com as bochechas avermelhadas. Ele detestava discussões acaloradas e, após a resposta nada sutil da Dona Zezé, todos os condôminos passaram a debater ideias absurdas ao mesmo tempo. Academia, salão de beleza, salão de jogos, uma cafeteria, uma quadra de futebol de salão, um bar e até um bingo clandestino foram propostos. Todas as ideias dos presentes apareceram postas à mesa simultaneamente, deixando Plínio com vontade de se levantar e de ir embora dali. Ele chegou até a sentir uma ardência nas batatas das pernas, mas resistiu. Ficou. Moacir olhou para Rogerinho,

presidente da mesa, para que ele tomasse alguma ação, mas ele não tinha a mínima ideia do que fazer. Foi então que a Senhora Virgínia, moradora do 802, soltou um grito.

– Ahhhhhhhhhhhhhhh!

Foi um grito assustador de velha fumante, meio rouco, meio pigarreado. Uma voz grossa da porra. Eu tomei um susto, quase caí do telhado, mas o que importa é que funcionou. A ordem foi restaurada.

Plínio respirou aliviado. Logicamente, primeiro se assustou com o grito inesperado e rouquenho da Senhora Virgínia, porém, depois, foi se acalmando. As batatas das pernas foram parando de arder. Então, mais sereno, ele começou a repassar tudo que havia estudado e que não usou sobre o Borba Gato. A fuga para o sertão, o perdão, a reaparição em Minas, e o papel significativo na Guerra dos Emboabas – travada pelo direito de exploração das recém-descobertas jazidas em Minas Gerais. Que história fascinante tinha o bandeirante! Seria justo a mudança de nome para Keko de Copacabana? Afinal, o que tinha feito o Keko de Copacabana, além de doar uma garagem e um salão de festas para os moradores, para merecer tal homenagem? Pode ser que, de fato, dependendo dos feitos de Keko, uma mudança poderia ser, sim, avaliada – começou a se questionar o rapaz achando justo dar uma chance para o Keko, mesmo que as probabilidades do merecimento por uma mudança fossem baixíssimas.

Plínio sempre foi justo. Pensava que deveria ter estudado Direito ao invés de ter seguido o conselho de seu tio, que sugeriu Administração como algo mais abrangente. E foi no curso de Administração que conheceu a Ester. Talvez se tivesse estudado Direito não passaria pelo apuro de um dia ter que tentar terminar com ela. Veja bem, tentar, ponderava Plínio! Só de pensar na possibilidade, ele já ficava todo arrepiado. Cogitava que seria

muito melhor se Ester terminasse com ele. Pensou em traí-la, porém, colocou a questão fora de cogitação. Era demasiado justo e ético para fazê-lo. Pensou então em inventar que a traiu, mas também não daria certo. Ele era péssimo em contar mentiras. Acabaria se enrolando e teria que contar a verdade que, culminaria, invariavelmente, dizendo que ele fez tudo isso porque no fundo queria mesmo era terminar. Podia sentir a garganta secando antes de completar a palavra “terminar”. Conseguia visualizar Ester em um primeiro momento com os olhos arregalados, pasma e, à posteriori, respirando fundo para gritar um monte de desaforos e tudo que deveria estar engasgado na garganta a respeito do relacionamento. Depois viria o choro. Imaginava ela chorando, coisa que abominava. Normal. Quando o fazia, seu rosto enrugava e os dentes incisivos apareciam apertando o lábio inferior, deixando a menina, que já não era das mais bonitas, muito esquisita. Sem contar o barulho agudo, de golfinho, que ela proferia durante o choro. Quem, meu Deus do Céu, chorava assim? Era uma cena dantesca que deveria ser evitada a todo custo. Plínio a apelidara secretamente de Ester Golfinho, mas esse era um segredo de Estado. Normal.

A estratégia que finalmente adotou para tentar que ela terminasse com ele era muito simples. Ele resolveu ir desaparecendo aos poucos. Tipo... sumindo mesmo, sabe? Espaçando cada vez mais os telefonemas e os programas. Atingiu o ponto de passar um final de semana sem ligar, mas aí acabou passando por uma desagradável discussão de relacionamento na segunda-feira. Chegou a achar que ela poria fim ao assunto, mas ainda não tinha sido daquela vez. Bateu na trave. A tática era boa, ele prosseguia com a estratégia do desaparecimento gradual. Naquela quinta-feira, seu último contato com Ester havia sido na terça pela manhã. Quando, satisfeito, foi contabilizar as horas de distanciamento, seu telefone celular vibrou no bolso. Assustado,

Plínio soltou uma frase no meio da reunião que escapuliu sem querer:

– Mas afinal, o que fez o Keko para merecer a mudança do nome do prédio?

Um silêncio instaurou-se no local. Como assim? Agora vamos discutir merecimento? – pensaram os participantes.

Valtinho, o Assessor Discreto de Keko, tomou a palavra.

< 6 >
SENHORA VIRGÍNIA DO 802



A Senhora Virgínia foi a primeira moradora do pomposo edifício Bandeirante Borba Gato. Foi um presente de seu pai, já falecido, que, antes de partir, resolveu antecipar parte da herança, deixando um apartamento para cada uma das três filhas. Isso aconteceu após certa insistência das três, lideradas pela mais velha, Virgínia, diga-se de passagem.

Foi no apartamento 802 que nasceu seu único filho, Vicente, um menino com um talento musical nato e que na década de 80 fez sucesso com uma balada pop chamada Mexe o Esqueleto. Logo, Vicente percebeu que estourou nas paradas de sucesso com a música errada, uma vez que ele gostava mesmo era do bom e velho rock and roll. Após uns dias sumidos, provavelmente em algum SPA luxuoso de meditação, Vince, como era conhecido, decidiu que nunca mais tocaria tal música e que focaria somente no que realmente apreciava. No rock, baby! Resumo da ópera: ele nunca mais fez sucesso. Virgínia não achou de todo ruim, pois não aguentava mais ser conhecida como a Mãe do Mexe o Esqueleto. O apelido aos poucos foi desaparecendo, tipo o Plínio com a namorada. Parece que existem mais informações sobre a história do rapaz em uma biografia-conto não autorizada e perdida por aí. Mas esses são outros quinhentos.

A Senhora Virgínia morava há treze anos com o Sergio, a quem ela chamava de “Meu Companheiro”. Achava a expressão namorado coisa de adolescente e já não tinha mais saco para se casar. O casal vivia basicamente da aposentadoria magricela de Sergio e de uns bicos que ela fazia quando era chamada pra dar aula particular de português para crianças que precisavam de reforço quanto ao entendimento dos pronomes pessoais do caso oblíquo. Ajudava também nos do caso reto, nos diretos e nos indiretos. Oração subordinada substantiva objetiva indireta reduzido de infinitivo – dizia ela para um criança com cara de

pânico que parecia não absorver absolutamente nada daquele conteúdo tortuoso. Confesso que até hoje nunca entendi bem como isso funciona e qual a sua utilidade prática da coisa toda. Quem mandou eu não ir pra escola?

Basicamente, três passatempos preenchiam o tempo de Senhora Virgínia. Cuidar da cadela Yorkshire Juma Marruá, que ela tratava como filha e que comia um Danoninho de banana todo dia pela manhã. O número dois era fumar cigarro. Muito cigarro. Tragava dois maços de Lucky Strike por dia, nunca Free nem Derby. E o terceiro passatempo, pode-se dizer que era reclamar. Reclamava essencialmente do preço das coisas no supermercado, do Sergio, que era conformado e sem ambição, e do filho, Vicente, um ingrato que nunca ligava.

Além disso, é bem verdade que a senhora da voz rouca gostava de economizar. Adorava uma promoção e controlava na unha a aposentadoria do Sergio, que lhe repassava quase que integralmente para que ela a administrasse. O Meu Companheiro segurava apenas uns trocados que usava para comprar raspadinhas. Sergio ficava feliz quando o prêmio da raspadinha era outra raspadinha. Que sorte – pensava com alegria. Seu coração se aquecia de imediato, teletransportando-o para o dia em que ele se aposentou e não precisou pisar nunca mais em nenhuma obra. Sergio, ex-fiscal de obras, era um sujeito simples que fazia de tudo para agradar a Senhora Virgínia e ouvir o mínimo possível de críticas da companheira. Ele sabia como levá-la bem. Basicamente deveria concordar com tudo que ela dizia e realizar, sem questionamento, suas ordens e vontades.

Apesar de primeira moradora, a Senhora Virgínia não tinha tanto apego assim ao nome do prédio. Ela estaria disposta a rentabilizar a mudança de nome e estava pouco se lixando com o que fariam com o nono andar. Queria mesmo alguma proposta

financeira que cobrisse o aceite do nome vulgar Keko de Copacabana. Uma “espécie de cala-boca”, como poderia se dizer no popular. Por tudo visto até o momento, era fato que Keko teria bala na agulha para tal feito. Ela só achava muito estranho o fato de morar há trinta e nove anos no prédio sem nunca ter sabido, afinal, quem era o famoso Keko. Provavelmente já esbarrara com ele no elevador, mas nunca lhe foi apresentada formalmente. Seria o sujeito que usava um terno listra de giz e penteava os cabelos grisalhos para trás? Se fosse, maravilha, aquilo era um pedaço de mal caminho.

De qualquer maneira, quando Valtinho pediu a palavra durante a reunião, Dona Virgínia ficou toda esperançosa achando que finalmente voltaria a chover na sua horta. O bling-bling da gaveta da caixa registradora ressonou em sua mente. Podia imaginar um estoque de Lucky Strikes, caixas de Danoninhos de banana e uma bolsa nova de alguma promoção. O resto guardaria para o futuro.

Valtinho, o Assessor Discreto de Keko, havia tomado a palavra para responder à pergunta de Plínio, que inquirira sobre os feitos de Keko que justificassem a eventual mudança.

– Bom, primeiro de tudo, em nome do nosso amigo Keko, gostaria de agradecer a gentil presença de todos na justa e emergencialmente convocada Assembleia Extraordinária – disse, dobrou as mangas da camiseta social branca, ajustou os óculos e prosseguiu. – Bem, vamos lá. Sobre os feitos de Keko, poderia passar algumas horas fazendo citações, mas vou deixar aqui apenas as mais recentes. Entre 1990 e 1994, Keko foi assistente direto do vice-prefeito de Nova Iguaçu, trazendo sugestões de inúmeras melhorias para a cidade. Keko já salvou a vida de uma criancinha que foi picada por uma aranha, levando-a com velocidade para o hospital em um dos carros de sua coleção.

Falando nisso, Keko é um excelente motorista, e foi condecorado com uma placa de honra ao mérito no clube de colecionadores de Mercedes Benz da década de 70. Keko conduziu com perfeição uma Mercedes 600 Sedan no autódromo de Jacarepaguá. Mercedes preta, reluzente. Keko também faz doações a asilos, a orfanatos e dá uma mesada para o filho do seu primo de segundo grau que faliu a pequena gráfica do pai. Keko já salvou três gatos de uma árvore, um cachorro do telhado, cuidou de um filhote de gambá e liberou três canários belgas na Floresta da Tijuca. Um deles foi capturado por um gavião logo que alçou voo, mas a vida selvagem é assim mesmo. Por último, posso citar que Keko é apaixonado por este prédio e já quitou, anonimamente, condomínios atrasados de um certo morador, que não vou revelar o nome.

Após a fala do Assessor Discreto de Keko, os moradores se entreolharam.

“Então foi ele?” – pensou Moacir sobre a quitação misteriosa de uns condomínios atrasados, antes dele ter virado síndico do prédio.

O silêncio foi quebrado por Dona Zezé, que foi direto ao ponto, no âmagô do ser:

– Grandes merdas.

Os moradores foram obrigados a concordar. A Senhora Virgínia também concordou, entretanto, ela achava perigosa aquela postura agressiva da Dona Zezé. Achava que se a barra fosse forçada em demasia, o passarinho poderia voar. Ficou receosa do educado Valtinho abandonar a reunião levando consigo a bufunfa de Keko.

– Peraí, até que não é tão ruim assim. Vejam bem, senhoras e senhores. Pra mim, tá quase que pau a pau com a história do bandeirante. Perdendo de pouquinho, apenas – pigarreou a Senhora Virgínia.

– A Senhora está maluca? – sugeriu Dona Zezé, que não pescou a deixa para a jogada que Dona Virgínia pretendia lançar em seguida. Ela estava apenas amansando a fera pra depois dar o bote.

Guimarães e Gilmar deram risada. Aparentemente, estavam gostando de ver o circo pegar fogo. As batatas das pernas de Plínio voltaram a ficar tensas e ardidas. Moacir só queria ir logo pra casa e acabar com aquela ressaca mortal que piorava ao longo da reunião. Queria dar um peguinha, apagar a larica com leite condensado e mergulhar num livro do Rubens Fonseca. Rogerinho imaginava Mariluci de topless no Caribe. E Mariluci, por sua vez, pensava em quando teria, finalmente, a chance de conhecer o Keko. Será que ele apreciava uma mulher malhada de covinha no rosto? Qual seria a opinião de Keko sobre a Luiza Ambiel?

Eis que um homem elegante, de cabelos grisalhos e terno cinza chumbo, adentra o recinto com confiança. Todos os olhares se voltaram para ele.

“O bonitão do elevador” – pensou a Senhora Virgínia.

< 7 >
GUIMARÃES DO 402



Você quer encontrar o Guimarães? Procure na Academia Roxy. Eu quase sempre esbarro com ele a caminho do ginásio. Tenho uma simpatia grande pelo rapaz. Um sujeito forte, musculoso, ombros que saltam como se fossem duas bolas de boliche e um braço grosso, potente, com veias pulsantes. Praticamente um Hércules de Copacabana, que, por sinal, poderia ser uma opção para o nome de prédio. Diria que melhor do que a que estava sendo debatida em pauta, ou, pelo menos, menos pior.

Guimarães sempre usava camisa regata. Sempre. Mesmo quando a temperatura caía, o que no Rio de Janeiro nunca foi nada drástico, ele estaria trajando uma bela de uma regata. Tinha uma coleção. Algumas eram abadá de micaretas que ele havia frequentado. Imagino que tenha sido duro e extenuante conseguir aquele corpo, então ele precisava mostrar. O que alternava em seu figurino era a parte de baixo. Às vezes bermuda com meias pretas compridas, às vezes calça jogger.

Já mencionei aqui que Guimarães é um sujeito muito forte mesmo, porém, é importante salientar algo notável: ele é forte somente da cintura para cima. O rapaz deu a vida malhando peitoral, costas, abdômen, ombro, bíceps e tríceps, porém penso que nunca levantou um único pesinho sequer com a perna. Fico imaginando como aqueles gambitinhos finos conseguem sustentar tanta massa corporal assim. Guimarães compunha, segundo os marombeiros, a classe dos Sabirilas: a junção assimétrica das pernas do sabiá com o tronco do gorila.

A Academia Roxy era o paraíso de Guimarães, seu Jardim do Éden particular. Do lado de fora, na fachada do prédio, havia um leão em neon, que animava o braço musculoso em três movimentos levantando um halter. Era um movimento lento, que levava cerca de dez segundos para ser executado por completo. O

leão decadente erguendo o peso marcava a localização precisa do Olimpo, lugar que Guimarães frequentava de segunda a sábado, gastando entre duas a quatro horas por dia. Às vezes, malhava pela manhã e voltava à noite para completar algum grupamento muscular ou exercício que ficou pendente. Outras vezes, aparecia por lá só para papear mesmo. Toda sua roda de amigos que, naturalmente, compartilhava os mesmos gostos, pertencia à academia Roxy. Os assuntos variavam entre suplementos, rotinas de treino, anabolizantes e, para dar uma quebrada no tema, futebol. Guimarães torcia pro Botafogo, o campeão estadual do ano, que venceu o Vasco por um a zero com um gol de Dimba, mas ele não ligava muito. Falava que torcia pro Botafogo mais pra ter assunto mesmo.

Guimarães fazia ciclos de anabolizantes, aplicados no banheiro da Academia Roxy pelo José Miguel, que era uma mistura de faxineiro, *personal trainer* e endocrinologista, já que ele mesmo receitava o uso dos “produtos”. As bombas, por sua vez, eram fornecidas por Theo, outro funcionário multiuso do ginásio: professor de musculação, assistente administrativo e uma espécie de *dealer*. Guimarães alternava uso de Durateston, um estimulador das fibras musculares que aumentava rapidamente a musculatura, e Stanozolol, um hormônio sintético usado para secar e definir. Enquanto um dos efeitos colaterais mais temidos do primeiro era atrofia testicular, os do segundo eram mais leves: acne e queda do cabelo. Guimarães não parecia ter queda de cabelo. Apesar de curto, sua cabeleira preta era farta e com pelos espessos. As espinhas eram raras e espaçadas.

Enquanto Dona Zezé e a Senhora Virgínia discutiam, Guimarães refletia sobre a própria proposta sugerida de montarem uma academia no nono andar. Mesmo se fosse pra frente, apesar das ínfimas possibilidades, ele continuaria frequentando a Roxy. Ele lançou a ideia porque, além de querer

participar de alguma forma da reunião, achava que poderia impressionar Mariluci. Ele pensava muito em comê-la. Como pressentiu que ela acharia uma boa, Guimarães lançou a ideia, que prontamente foi apoiada por Mari. Ponto pro Guima! Solteiro, malhado da cintura pra cima, e vivendo da mesada que o papai dava (o famoso Desembargador Guimarães), o jovem não tinha dificuldades em arrastar a mulherada para o apartamento 402.

Seu quarto era repleto de espelhos. No armário, na parede lateral e no teto, era tudo espelhado. Guimarães gostava de se admirar durante as performances sexuais. Se achava lindo, adorava se ver com os músculos contraídos, iluminados pelo suor natural daquele ato selvagem. Ele usava e abusava das mais diferentes posições sexuais, havia comprado um Kama Sutra e tudo, que consultava para inovar e se aprimorar. Tinha um pênis de um tamanho bem razoável, reto e bem higienizado. Ele sabia que o tamanho era bom, pois sempre comparava com os dos amigos no vestiário da Roxy. As bolas ficaram um pouco atrofiadas, mas não via nisso um problema. Guimarães se amava, porém, em quase cem por cento dos casos, as mulheres não regressavam para um repeteco. Ele não conseguia entender muito bem o porquê de aquilo acontecer e isso o chateava um pouco. Será que ele não estava sarado o suficiente? Pensava que precisava malhar mais um pouco, definir o tríceps um pouquinho mais.

Ocasionalmente, durante o ato sexual, pensava em Beto, companheiro de maromba. Mas logo tratava de mandar o pensamento embora. Estava focado em comer Mariluci. Mariluci era gostosa, coxuda e malhada. Ele já a havia mencionado para os companheiros da Roxy. Seria uma grande vitória comê-la para poder dividir a resenha com a rapaziada. Se imaginou em uma série de supino reto, com oitenta quilos em anilhas de cada lado,

mais vinte quilos da barra, que ele revezaria com o Beto, lhe contando a novidade: “Aí Betão, tá sabendo da última?” Respiraria, empurraria os cento e oitenta quilos para cima soprando o ar, acomodaria o peso na base de ferro e dispararia: “Tracei a Mariluci”. O que aconteceria em seguida? Um *high-five*? Um tapa no ombro? Um abraço apertado com os corpos suados? Seria demais.

No dia da reunião de condomínio, Guimarães havia sido o último a chegar no salão imperial. Quando ele estava descendo a Constante Ramos, um conhecido meu das antigas, lhe disparou uma rajada verde escura, acertando-lhe, em cheio, o ombro-bolade-boliche. *Bullseye*. Aquela consistência pegajosa em seu corpo imaculado levou o rapaz a um desabafo carregado no sotaque carioca: “porra, vai cagar na mãe, pombo filha de uma puta”. A bosta gosmenta foi escorregando vagarosamente do ombro em direção ao bíceps, fazendo que o Sabirila apertasse o passo, movendo com velocidade as perninhas que transportaram toda aquela maçaroca humana de volta ao ginásio para uma chuvairada.

Quando chegou, seu armário estava trancado e ele não conseguiu abrir. Não era a primeira vez que aquilo acontecia. Guimarães vinha tendo uma dificuldade tremenda em lidar com aquele armário. No final das contas, acabou removendo as fezes na pia mesmo, com um sabão líquido azul e papel higiênico, usado como substituto ao papel toalha, que sempre faltava por lá. Como as fezes não atingiram sua camisa regata, ele não precisou trocar, e foi assim que ele foi trajado para a reunião.

Guimarães agora observava o homem grisalho e de terno que adentrara a reunião. Sabia que o conhecia de algum lugar.



< 8 >
MR. IOSO DO 401



Ioso Tavares de Braga Neto era o representante da terceira geração de Iosos. Isso é praticamente tudo que eu sei sobre ele. Desculpe caso eu não consiga trazer tantas informações relevantes sobre o morador Mr. Ioso.

O sujeito “bonitão” que a Senhora Virgínia havia cruzado no elevador era o tal Mr. Ioso. E agora ele entrava atrasadíssimo para a reunião de condomínio justo durante o bate-boca entre a Dona Zezé e a Senhora Virgínia. Porém, sua entrada triunfal, fez com que a discussão cessasse imediatamente. Todos lhe encararam. Sua presença era imponente. Terno cinza chumbo italiano, perfeitamente ajustado ao corpo magro e cabelos com diferentes tonalidades de cinza impecavelmente fixados para trás. Gel, muito gel. Um lenço rosa claro no bolso do paletó que combinava com a gravata. Sapatos pretos pontiagudos e lustrados. Alguns já o haviam visto circular pelo prédio, outros o observavam pela primeira vez. Mr. Ioso pouco saía de casa e seus horários de circulação eram randômicos, nada previsíveis.

– Keko? – exclamou Dona Virgínia perante sua entrada pomposa.

Mariluci ficou eufórica, com arrepios nas partes baixas, porém se conteve. Dona Zezé pensou que finalmente chegara alguém, que além dela própria, estava vestido à altura do salão. A poltrona Luís XV lhe cairia bem.

Mr. Ioso se limitou a dar uma revirada de olho para cima, sinalizando que aquilo era uma pergunta desgastante e sem sentido e, em seguida, sentou-se.

– Não, esse é o Senhor Ioso do 401 – disse Moacir, o síndico.

– Mister, Mr. Ioso – respondeu o sujeito com uma voz grave, baixa e uma leve bufada na sequência. E estas foram suas únicas três palavras durante toda a reunião.

Eu me recordo de haver esbarrado apenas uma única vez com o Mr. Ioso nas ruas de Copacabana. Era madrugada e ele saía da uma vila localizada na Rua Dias da Rocha. O homem estava impecavelmente vestido, como sempre. Reparei em umas abotoaduras prateadas que prendiam os punhos duplos de uma camisa social branca. Elas tinham o formato de um dragão oriental. Não tenho ideia do aquilo significaria e nem do que ele fazia por ali. Uma seita misteriosa? Ele não me viu.

Mr. Ioso andava rápido e com a postura reta. Ele me trazia uma sensação de que o mundo lhe pertencia. Ele era um sujeito diferente, difícil de ler. Sempre com um bom terno, gravata e lenço. Um empresário? Um investidor? Um herdeiro? Um mafioso italiano? O cabeça de um esquema de pirâmide? Quem diabos, afinal, era o Mr. Ioso?

Sentado na última fileira de cadeiras do majestoso salão, ele parecia não prestar muita atenção no prosseguimento da reunião. Os assuntos iam e voltavam como se fossem o ioiô da Coca-Cola: uma barganha por alguma transformação inútil do nono andar, as façanhas de Keko comparadas as de Borba Gato, ofensas e grosserias trocadas entre os condôminos, Gilmar provocando o Moacir pela derrota rubro-negra, flertes fulminantes vindo de todas as partes como se fossem flechas em direção a Mariluci e, finalmente, uma incessável ardência nas batatas das pernas de um determinado morador.

A certa altura do campeonato, Mr. Ioso abriu um livro de capa preta. As pessoas exaltadas com a discussão acalorada não perceberam o completo descaso do Mr. Ioso por aquele evento enfadonho. Ele não havia entrado com um livro, porém acho que

ninguém percebeu. De onde ele tinha tirado aquilo? E por que o livro não tinha nada escrito na capa?

Um novo berro horroroso, rouco e pigarreado, vindo da Senhora Virgínia, recolocou a ordem em seu devido lugar: antes do progresso.

– Ahhhhhhhhhhhhhhh!

Com o silêncio restaurado pelo barulho aterrorizante, Valtinho, o Assessor Discreto de Keko, pediu a palavra.

– Prezados moradores, sei que se trata de um tema de suma importância e entendo que muitos estão exaltados. Mas peço a colaboração de todos. Tenho certeza de que vamos sair daqui com a situação resolvida. Sobre as façanhas de Keko, não cabe a mim julgá-las e nem compará-las com as do Bandeirante Borba Gato. Cada um tem sua história e cada um teve seus méritos. Independente disso, gostaria de ...

– Olha, um Coelho! – exclamou Rogerinho interrompendo o discurso de Valtinho, o Assessor Discreto de Keko.

– Tira essa coisa nojenta daí, pelo amor de Deus – gritou a Senhora Virgínia, traumatizada por haver sido mordida por um coelho quando era criança. O novo berro quase não saiu, tamanho o nervosismo.

– Como ele foi parar aí? – perguntou Plínio.

Pensei a mesma coisa e reparei num sorriso de canto de boca por parte do Mr. Ioso.

O coelho fofo com cara de perdido se aproximou com pulinhos delicados até a Senhora Virgínia, que, por sua vez, subiu sem dó nem piedade com a sandália encardida em cima da cadeira Luís XV. Dona Zezé ficou possessa da vida e partiu para dar uma bolsada na moradora escandalosa que estava

danificando o seu-salão-seu-patrimônio. Guimarães tentou impedi-la e tomou uma bolsada no ombro-bola-de-boliche. Gilmar começou a rir descontroladamente. Rogerinho também. Plínio, ainda sentido os efeitos da ardência, pegou o coelho fofo no colo e pensou em adotá-lo. Normal. Moacir, o síndico, juntou as últimas doses de energia para tentar impedir que a algazarra aumentasse e pediu silêncio batendo com força contra o aparador do salão imperial.

Quando as pessoas desviaram o olhar em direção a Moacir, uma bomba de fumaça foi disparada no fundo do recinto, fazendo com que três atraentes pombas brancas voassem no local, incrementando o alvoroço a um nível ímpar, jamais antes visto na história daquele prédio. Quando tirei os olhos das pombas, percebi que o Mr. Ioso já não estava mais por ali. Foi aí que eu juntei as peças do quebra-cabeça. Objetos aparecendo, coelhos, pombas e nuvens de fumaça. Estava explicado, agora tudo fazia sentido. Mr. Ioso era um mágico.

A euforia impedia que os moradores percebessem o fato deles terem acabado de participar de uma sessão de mágica. De um truque de ilusionismo. De um movimento de magia que vinha crescendo, o da mágica espontânea, onde a plateia era surpreendida sem saber que haveria um truque no local. No caso, ninguém percebeu nada. E a plateia, embriagada pela ganância, só foi perceber a ausência de Mr. Ioso, o Ilusionista, no momento que ele retornou para a votação.

Ah, sim. Sobre a votação, já já eu conto pra vocês sobre ela.

< 9 >

GILMAR DO 601



Gilmar, do 601, ria de se acabar durante a reunião. A musculatura das bochechas chegou a doer em alguns instantes, sobretudo, quando Guimarães tomou um bolsada. Era assim que ele decidira levar a vida depois que esta lhe levou o pai quando ele era apenas um menino de onze anos. Desde então, Gilmar, um garoto muitíssimo apegado ao pai, após um período de sofrimento profundo, decidiu que levaria a vida de maneira leve e descontraída.

Seu Antônio reagiu a um assalto no ônibus quando estava voltando do trabalho para o apartamento em Copacabana. O assaltante assustou-se e, sem piedade, lhe disparou contra o peito. Naquele dia pela manhã, pai e filho se despediram com um longo abraço e Gilmar pediu ao pai não esquecesse de lhe trazer as figurinhas do álbum da Copa do Mundo que faltava pouco para completar. Os pacotinhos das figurinhas estavam no bolso do terno do pai e seguem intactos até hoje, dentro da caixa que o pai usava para guardar gravatas.

Influenciado pelo Seu Antônio, futebol sempre foi uma grande paixão em sua vida, assim como o Vasco da Gama – um amor passado de pai para filho. Gilmar não tinha o menor talento para o esporte, nem mesmo para ser goleiro, mas sabia torcer e, principalmente, incomodar os outros como ninguém. Um belo de um mala sem alça, um típico chato de galocha. Eufórico pela vitória cruz-maltina da noite anterior, ele dormiu ansioso para encontrar com o síndico, o flamenguista e vizinho de porta, na reunião de condomínio do dia seguinte que nasceria tão lindo. Além das zoações, ele estava empolgado para receber 20 reais do Moa pela aposta perdida.

Provocativo, Gilmar trajava a camisa do Vasco e um sorriso de orelha a orelha. Moacir estava nitidamente incomodado, assim como Dona Zezé, que achava camisa de time

uma breguice sem tamanho, somente comparável ao uso de camisa regata. “O que o elegante Keko acharia desse circo?” – ruminava raivosa. Os gritos ocasionais de “ahhh, é Edmundo” completavam o deboche amplificando a ressaca de Moacir, que chegou a cogitar agressão física. Porém, como suas energias estavam demasiadamente baixas para qualquer ação corporal, ele optou por deixar a vingança guardada para um futuro próximo. Seria daí que inventaram a expressão de que a vingança era um prato pra se comer frio?

As risadas de Gilmar disfarçavam muita dor. Eram sua capa e seu escudo de cavaleiro. Quando adolescente, Gilmar acabou desistindo da faculdade de engenharia porque faltou dinheiro para as mensalidades, já que, após um gol no treino, engravidou uma menina da faculdade de administração. Aos vinte anos foi pai do pequeno Roberto, uma homenagem a um de seus ídolos. O nome foi escolhido por eliminação, depois da mãe haver descartado Acácio, Mazinho, Geovani e Romário. Eles nunca chegaram a se casar ou mesmo voltaram a se relacionar, mas Gilmar sempre foi um pai presente, cobrindo seu filho de amor e sendo correto com as obrigações financeiras. Dinheiro sempre foi algo difícil em sua vida, tanto que Gilmar era um hábil bicicleteador de dívidas, alongando-as sempre que possível e, quase sempre, tomando novas. Parte da sua rotina era negociar com bancos e agiotas. Ele já sabia quais machucavam mais e quais apenas latiam. Aos 25 anos ele acabou se formando em fisioterapia e atendendo clientes particulares, o que não lhe trazia grandes receitas. Porém, com o filho Robertinho, ele sempre foi correto e pontual, nunca atrasando um único pagamento da pensão, nem que para isso fosse obrigado a pegar dinheiro emprestado, como muitas vezes o fez.

Além da experiência com dívidas, que ele colocaria no currículo caso precisasse algum dia fazer um, Gilmar também era

experiente com *junk food*. Ficava na dúvida se gostava mais do Bob's ou do McDonald's. A batata-frita preferia a do Bob's, o sundae de chocolate do Mc, os sticks de frango do Bob's eram melhores que os nuggets do Mc e, segundo sua avaliação, o Big Mac estava um pouco acima do Big Bob em termos de sabor. Mas, em contrapartida, o Bob's permitia adicionar ovo e bacon ao sanduíche, o que o deixava superior quando turbinado com os complementos. Porém, ele sentia que aí ficava injusta a comparação, tal qual peras com maçãs. Pizza também entrava no hall de suas preferências. Gostava da de calabresa do Mr. Pizza. Todavia, como geralmente andava curto de grana, comia a de uma lanchonete chamada Bolonha mesmo, que ficava na Rua Barata Ribeiro. Eu confesso que também gostava de filar uma boia por lá, assim com vários amigos meus.

Quando suas bochechas pararam de arder com a paz voltando a reinar na Assembleia Geral Extraordinária, Valtinho, o Assessor Discreto de Keko, voltou a pedir a palavra.

– Como eu estava dizendo, não cabe a mim julgar as façanhas do grande Keko e nem compará-las com as do Bandeirante Borba Gato. Independente disso, gostaria de...

– Sabe do que eu gostaria – interrompeu a Senhora Virgínia. – Eu gostaria que as explicações fossem dadas pelo Keko em pessoas. Cadê ele? Quando ele vai ter a decência de aparecer por aqui?

– Exato, queremos ver o Keko – vibrou Mariluci.

– Sim, é o Keko que deveria estar aqui negociando o nono andar diretamente com a gente – bradou Dona Zezé.

Plínio, Rogerinho, Moacir, Guimarães e Gilmar pareciam concordar. A algazarra com falação por todos ao mesmo tempo voltou a se fazer presente, mas, desta vez, com concordância. Os

moradores estavam finalmente todos do mesmo lado, deixando Valtinho, o Assessor Discreto de Keko, intimidado e contra a parede. Assim que percebeu uma pequena brecha na barulheira, o Assessor Discreto de Keko conseguiu soltar uma frase.

– Desculpem. Porém, o que vocês estão solicitando, com até certa razão, diria eu, é impossível.

– Keko Covarde – bradou Dona Zezé, retumbante.

– Covarde de Copacabana deveria ser o nome do prédio – completou a Senhora Virgínia.

Mariluci, decepcionada, tentou pensar em algo inteligente para falar, mas não conseguiu nada. Gilmar voltou aos ataques de riso. Pedras eram lançadas contra Keko quando, Plínio, a voz da razão de um sujeito educado e normal, perguntou:

– Com licença. Por que seria impossível o comparecimento de Keko?

– Keko Covarde – berrou novamente Dona Zezé com a unha marrom apontada para o teto como se fosse uma *socialite* revolucionária.

– Covarde de Copacabana – repetiu a Senhora Virgínia na sequência, com voz de cigarro.

– Eu entendo a frustração de todos. Compreendo do fundo do meu coração – respondeu Valtinho, o Assessor Discreto de Keko. – Mas a impossibilidade da presença de Keko é por um motivo muito simples. Keko faleceu.

< 10 >
MARIA AMÉLIA DO 702



Uma mulher discreta. Essa sem dúvida era a melhor maneira de se definir a Maria Amélia. Ela chegava a ser bem mais discreta do que o Assessor Discreto do Keko. Maria Amélia estava presente desde o começo da reunião de condomínio, tendo sido, inclusive, uma das primeiras a chegar. Ela estava lá o tempo todo e ninguém percebeu sua presença. Nem eu, nem você.

Ela era moradora do 702. Silenciosa, dividia o apartamento com plantas. Samambaias e Jiboias, essencialmente. Maria Amélia era boa de poda e de cuidados em geral. Fazia tudo ao seu tempo, com tranquilidade, uma rotina suave que incluía a regadura com água mineral, a adubagem natural de minhocas californianas e música clássica. Mozart e Chopin, nunca Beethoven. A música era sempre bem baixinha, pra não incomodar os vizinhos. Maria Amélia nunca conversava com as plantas, achava coisa de maluco.

Maria Amélia não assistia TV, ouvia rádio. Não comia carne vermelha, era vegetariana, abrindo exceções apenas para polvo à galega. Não usava preto, somente roupas claras, em especial as em tonalidade bege. Não pintava as unhas e só usava pequenos brincos de pérolas. Ela gostava de ler o jornal tomando chá preto. Lia o jornal por completo, linha por linha, palavra por palavra, mesmo que as vezes só estivesse passando o olho sem absorver qualquer tipo de informação. Lia muitos livros também, pensava que adoraria ler um livro emprestado por alguém, mas como não tinha amigos, nunca recebeu nenhum. Se contentava em ler os livros que comprava. Sempre que tentava pedir informação na livraria, o vendedor acabava esquecendo dela, não lhe entregando nenhum livro ou informação. Ela falava baixo e sua fisionomia era muito comum. Imaginava que se misturassem todas as brasileiras do mundo, sairia alguém exatamente como ela.

Quando Valtinho, o Assessor Discreto de Keko, anunciou a morte do patrão, ela se assustou, levando discretamente a mão até a boca. No salão imperial reinou um silêncio sepulcral que durou quase trinta segundos, mas que pareceu uma eternidade. Quem rompeu o silêncio foi Mariluci, que, com os olhos mareados, perguntou:

– E agora?

– Como fica o meu salão de beleza? – somou-se Dona Zezé na sequência.

– Academia! – replicou Guimarães, somente para implicar.

Pronto. A balbúrdia estava de volta a todo vapor, com as propostas mais insensatas, como salão de jogos, cafeteria, quadra de futebol de salão, e bingo clandestino, de volta à mesa elegante do salão imperial. Um spa relaxante com massagem para os pés foi a novidade sugerida. Maria Amélia achou uma falta de respeito com a memória do Keko, o benfeitor local e o homem de grandes conquistas, mas guardou o sentimento para si. Solto um leve suspiro, ultra discreto.

Antes que a Senhora Virgínia voltasse a gritar, Valtinho conseguiu prender a atenção de todos bradando em voz alta que Keko havia deixado uma proposta, uma espécie de testamento. Silêncio imediato e todos os olhares em sua direção.

– Senhoras e senhores. Eu compreendo perfeitamente a inquietude local e, devo dizer, que a convocação da Assembleia Geral Extraordinária foi um grande acerto por parte da nossa queridíssima moradora Dona Zezé. Se ela não tivesse o feito, eu já estava pronto para solicitar. Foi um pedido dele, do próprio, do grande, do falecido Keko de Copacabana. Gostaria de pedir a permissão para a leitura da carta-testamento que ele deixou para

os condôminos – falou Valtinho, desdobrando um pedaço de papel que ele puxou do bolso da camisa social.

Curiosos, os moradores continuaram em silêncio, atentos ao que viria a seguir. Valtinho pigarreou testando a voz, jogou o cabelo pra trás da orelha e começou a leitura:

“Prezados e digníssimos condôminos e moradores do Edifício Keko de Copacabana. Prezadas e digníssimas condôminas e moradoras do Edifício Keko de Copacabana. Se vocês estão escutando minhas palavras, lidas através do meu assessor Valter, é porque duas coisas aconteceram. A primeira é que eu morri. Morri, mas passo bem, obrigado. Não se preocupem, estou numa melhor, já que sempre fui um homem digno e do bem. Um benfeitor, como já escutei inúmeras vezes. Portanto, enquanto vocês escutam essas palavras, podem ter certeza de que eu estou do lado Dele. A segunda coisa é que vocês devem ter observado a mudança do nome do prédio, de Bandeirante Borba Gato para Keko de Copacabana. Eu sei, desculpem se foi algo repentino, brusco, de supetão, mas como não tenho filhos, foi a maneira que eu encontrei para eternizar o meu nome e o meu apego ao bairro que eu tanto amei e que dediquei grande parte da minha vida. Nada contra o Bandeirante, mas já tem muita coisa no Brasil com o nome dele, sem contar o fato de ele ser paulista. Vocês não concordam?

E eu também sei que nada nessa vida é de graça. Não existe almoço grátis, como se diz por aí. Seria injusto com vocês, digníssimos e digníssimas, simplesmente terem que aceitar uma mudança unilateral, ordenada por mim. Não é assim que essa vida não funciona, não é mesmo? Tenho certeza de que vocês entendem o que estou querendo dizer. Portanto, para compensar a mudança súbita do nome do prédio, eis aqui a minha proposta como singela compensação.

Não sei se vocês sabem, mas eu sou o proprietário de nono andar, das unidades 901 e 902. Acredito que saibam. Acredito inclusive que algum tipo de negociata já tenha sido colocada à mesa. A minha proposta,

prezados e prezadas, é simples e de rápida execução. Meu assessor Valter tem a procuração dos dois imóveis. Em um deles, na unidade 901, será instalado um pequeno museu em minha homenagem, aberto num futuro próximo, cuja receita recebida pelas entradas será revertida imediatamente em prol do condomínio. Valter já está cuidando de tudo. Será algo simples, porém elegante, como vocês devem imaginar. Algumas fotos, textos de conquistas e objetos de arte. Uma cabeça de um urso-pardo empalhada de uma aventura que vivi na Rússia. Um cocar de um índio da tribo Amawáka, da Amazônia, após uma conversa reflexiva sobre a poética exuberante da natureza. O batom de uma amante francesa, perfumada, perfume francês. Os detalhes estarão no museu, tudo de muito bom gosto, não se preocupem.

Agora sobre a parte que, provavelmente, mais lhes interessa. A segunda unidade, o apartamento 902, será vendido a preço de mercado e o valor será dividido e doado aos dez proprietários dos apartamentos do quarto ao oitavo andar. Ou seja, cada um receberá uma-décima parte do valor do imóvel tão logo recebido o montante pela venda. Essa proposta seria minha maneira de agradecer a cada um de vocês pela agradável convivência ao longo desses anos no edifício que, eu espero, a partir da presente data, seja oficialmente batizado e reconhecido em assembleia como o edifício Keko de Copacabana.

Como homem justo que sou, mesmo não mais presente neste mundo, deixo a vocês a sugestão de uma votação para a decisão em relação a minha proposta. Confiante de que ela será prontamente aceita, sem mais, subscrevo-me aqui. Keko (de Copacabana)."

Valtinho frisou o entre parênteses na finalização da leitura da carta.

< 11 >
VALTINHO DO 1001



Ao final da leitura, os moradores estavam atônitos, o que fez o silêncio perdurar ecoando por alguns segundos mais no salão Imperial.

A grande maioria estava lá cobiçando alguma coisa em troca da aprovação do nome, entretanto, ninguém em sã consciência estava esperando receber a notícia nem da morte de Keko e nem uma proposta-herança tão rápida. Era muita informação para ser digerida em uma única e curta fração de tempo. Aquela carta parecia, de certa forma, a leitura de um testamento do benfeitor do prédio, que mesmo nunca visto, seria para sempre lembrado e admirado por diversas gerações.

Valtinho, o Assessor Discreto de Keko, percebendo que os moradores estavam receosos em tomarem a iniciativa, resolveu puxar para si a responsabilidade:

– Prezados – começou e passou o cabelo para trás da orelha. – Minha sugestão é que votemos imediatamente a proposta de Keko. O que vocês acham?

Moacir, o síndico, olhou para Rogerinho, o presidente da sessão, e falou:

– Senhor Rogerio. O senhor poderia, por gentileza, organizar a votação?

O inexperiente rapaz, confuso e até o momento sem saber muito bem quais eram os interesses do proprietário, acatou a ordem de Moacir.

– Ehhh... sim. Pois bem, então, vamos votar. Mas como fazemos isso? Voto secreto? Temos urna para os papéis? Alguém poderia cortar os papeizinhos? Alguém trouxe caneta?

– Se permitem uma sugestão – intrometeu-se Valtinho. – O que acham de simplificarmos as coisas? Que tal se apenas

levantássemos as mãos os que são a favor da proposta de Keko e resolvemos tudo isso logo de uma vez?

– Parece mais simples – concordou Moacir.

Os condôminos também pareciam concordar. Ou, pelo menos, não se opuseram.

– Então... como fazemos? Votamos agora? – perguntou Rogerinho.

– Sim – disse Moacir, que achou mais prático tomar a liderança para fazer a coisa andar e poder voltar logo para fumar um. – Prezados condôminos. Por favor, levante a mão quem for a favor da mudança definitiva de Bandeirante Borba Gato para o nome Keko de Copacabana em troca da instalação de um museu em homenagem ao patrono com os ingressos revertidos para o condomínio. Além, é claro, da generosa fatia de um-décimo da receita da venda de um imóvel do nono andar. Levante a mão quem for a favor.

Doza Zezé resmungou, mas logo ergueu a unha marrom pecan. Mariluci foi a segunda a erguer o braço firme e delineado. Guimarães e Rogerinho acompanharam o voto da musa. Maria Amélia, discretamente, levantou a mão, fazendo com que os moradores se questionassem quem era aquela mulher e desde quando ela estaria ali. Plínio, mesmo um pouco a contragosto, levantou a mão ao mesmo tempo em que Gilmar, que gritou “golll do Vasco”. Mr. Ioso apareceu misteriosamente no salão e votou a favor. A Senhora Virgínia, com um sorriso no rosto ao observar todas as mãos no alto, ergueu o braço para cravar a vitória. Moacir, o síndico, levantou rapidamente o dedo indicador e concluiu:

– Por decisão unânime, está aprovado em Assembleia Geral Extraordinária que, a partir de hoje, 04 de dezembro de

1997, o prédio passa a se chamar oficialmente de Keko de Copacabana.

Valtinho, o Assessor Discreto de Keko, celebrou com parcimônia, cumprimentou cada um dos presentes, assinou o livro de presença e retornou para a extensa cobertura do décimo andar que unia as duas unidades.

Valter Alves de Bandeira Marcondes nascera em berço de ouro. Sua família, de origem portuguesa, desde que se tem notícia, mantinha a rotina de investir em imóveis. Sempre compravam, raramente vendiam, passando a tradição de pai para filho. A geração de Valter já possuía tantos no Rio de Janeiro e no Brasil, que comprar mais um ou vender um ou outro já não fazia tanta diferença.

Valter, o *bon vivant*, que nunca precisou trabalhar, levava uma vida tranquila, dedicada sobretudo a viajar para conhecer o mundo e a colecionar carros antigos. Valtinho tinha uma vida boa, muito boa. Quando estava em Copacabana, seu habitat natural, Valtinho procurava sempre manter uma postura *low profile*, prezando pela própria segurança, já que seu tio havia sido há pouco tempo sequestrado, precisando vender um dos tantos imóveis para o pagamento do resgate.

Sobre a personalidade de Valtinho, é difícil dizer algo que me chamasse tanto a atenção, além da sua grande educação. Poderia dizer que ele sempre foi um sujeito elegante e cordial, sempre me tratando bem e com respeito, mesmo eu sendo apenas mais um dos tantos pombos do bairro de Copacabana. Sempre gostei dele, a ponto de nunca cogitar cagar contra sua cabeça de farta cabeleira.

Agora vem uma parte que considero bem interessante. Em uma tarde ensolarada e aprazível de domingo, Valtinho estava reunido com seus amigos de infância no restaurante do Gávea

Golf & Country Club, que ficava no bairro de São Conrado. Tudo muito chique e elegante, como vocês devem imaginar. Papa fina! Valter sempre aspirou ser sócio do elegante Clube de Golf, porém as filiações eram raríssimas. Mesmo podendo pagar a joia de filiação, naquele momento não havia nenhuma disponível para aquisição. E quando Valter queria alguma coisa, era difícil alguém segurá-lo. Esqueci de dizer que o homem era obstinado.

Após algumas rodadas de whisky, Leonardo Barata, um dos herdeiros de uma tradicional empresa de transporte rodoviário, já um tanto “alto”, propôs uma aposta singular à Valter. Aqui vai o que ele propôs: se Valter conseguisse mudar o nome do prédio que morava, para o apelido como era conhecido entre os amigos de infância, Leonardo passaria o título do Clube para o seu nome.

E foi assim que Valter Alves de Bandeira Marcondes, mais conhecido pelos amigos íntimos como Keko de Copacabana, virou sócio do tradicional Gávea Golf & Country Club. De quebra, ainda aprovou um museu com o seu nome – um tapa com luva de pelica no amigo que o desafiou.

E esse, meus amigos, esse é o Conto do Keko, do Keko de Copacabana.

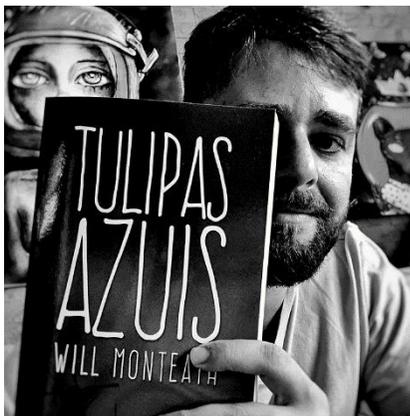
Fim.

SOBRE O AUTOR

Will Monteath é carioca da gema, vascaíno, nascido e criado em Copacabana nos anos 80, e ex-morador do Edifício Bandeirante Borba Gato, na Rua Cinco de Julho, onde viveu até os 10 anos.

É autor de **“Tulipas Azuis”, “O Headhunter Que Caçava Sonhos”, “Te Apresento Meu Amigo”, “Clube Copacabana”** e uma pá de livros de contos.

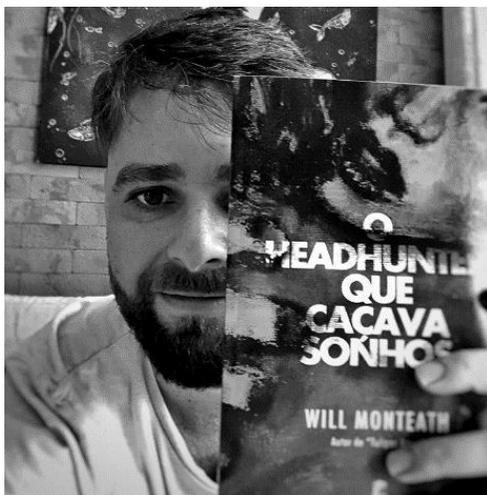
TULIPAS AZUIS ~ 2017



Dolf Van Haarlem é um rabugento pintor holandês que sempre sonhou em viver da sua arte. Pressionado por sua bela esposa a sair de férias, ele deixa sua galeria sob os cuidados de um recém-contratado vendedor italiano e sua vida muda completamente. Agora rico e com prestígio, Dolf não sabe como lidar com a fama. Em meio a uma vida tomada por exageros, conseguirá ele superar os conflitos em família e a ambição de um manipulador que quer ditar as regras de sua carreira?

É o que você vai descobrir nesta trama irresistível com toques de arte, humor e gastronomia que se desenrola entre os moinhos e canais de Amsterdam.

[<COMPRA AQUI>](#)



O HEADHUNTER QUE CAÇAVA SONHOS ~ 2018

Simon Gambler é um bem-sucedido headhunter de uma empresa multinacional londrina. Acostumado à rotina de um executivo de sucesso, sua vida muda por completo quando ganha de presente um

livro que ensina a controlar e a desfrutar o mundo dos sonhos. Conforme vai evoluindo na arte do sonho lúcido, Simon acaba conhecendo seu alter ego, Bennett, responsável por virar sua vida de ponta-cabeça, envolvendo-o em romances, mistérios, assassinatos e em diversas aventuras com personagens famosos, que vão desde Nelson Mandela até o cantor inglês Morrissey. Conseguirá Simon retomar o controle da situação, distinguir com clareza os dois mundos e solucionar o misterioso assassinato de seu companheiro de trabalho?

É o que você vai descobrir ao ingressar na fantástica viagem de Simon e Bennett pelos universos acordado e onírico, com a cidade de Londres como pano de fundo.

[< COMPRE AQUI >](#)

TE APRESENTO MEU AMIGO ~ 2020

Falco Fouché é um adolescente belga que ajuda os pais em uma tradicional loja de chocolate. Gaspard Marion é um anão francês, recém-saído da prisão. Charlotte Branford é uma poetisa inglesa que desponta com veemência para o anonimato.



Uma garrafa de um exótico vinho branco grego é responsável por unir as inusitadas personalidades em uma viagem improvisada pela Europa, que começa em Bruges e termina em Santorini.

Conseguirão os amigos encontrar o raríssimo vinho Palió Kólo responsável pelo sucesso das trufas de chocolate branco?

Entre caronas, encontros, mistérios e desencontros, Te Apresento Meu Amigo é uma leitura leve, aventureira, elegante e faceira, que fala, com poesia e simplicidade, sobre amizade.

[< COMPRE AQUI >](#)

CLUBE COPACABANA - UM CONTO PSICODÉLICO E ROCK AND ROLL ~ 2020

Vince é um roqueiro, nascido e criado em Copacabana, que vive uma série de conflitos: o difícil relacionamento com a mãe, a falta de conexão com a namorada, e o fato de ter explodido nas paradas de sucesso com uma música pop que não o representava.



Uma fita VHS é deixada misteriosamente por um japonês na portaria de seu prédio, indicando o endereço do Clube Copacabana, na Rua Prado Junior.

Levado pela sua consciência até o local indicado, Vince experimenta algo que ninguém jamais poderia imaginar. Nem eu, nem você. Ambientado no bairro que dá nome ao livro e com uma setlist de tirar o fôlego, esse conto, passado nos anos 80, na companhia de Cazusa, Paralamas e Legião, vai te levar a uma reflexão psicodélica e rock and roll.

[< COMPRE AQUI >](#)

DEZ CONTOS

Você conhece alguém que morreu de Ajayô?

E um senhor que fez sua primeira tatuagem aos 89 anos?
Conhece alguém que se apaixonou pela própria esposa no Uber?

Se você não conhece nada disso, este livro é pra você!

“Dez Contos” é uma coletânea de leitura rápida que relata exatos dez contos que escrevi entre 2015 e 2017. Todos eles são frutos da minha imaginação, e, em sua maioria, chegaram a mim em momentos inusitados. Alguns foram escritos entre pontes aéreas enquanto outros surgiram durante um banho de água quente. Há ainda aqueles que são deturpações de histórias reais e cotidianas contadas por conhecidos ou anônimos cujos caminhos, afortunadamente, vieram de encontro ao meu. Ah, o do Uber foi escrito em uma das minhas breves viagens feitas através do próprio aplicativo.

[< COMPRE AQUI >](#)

ONZE CONTOS

Você conhece um padre que foi morar com a ex-mulher?

Como seria o primeiro dia de um político honesto? Quais as vantagens da prisão domiciliar? Como uma frase clichê encontrada num biscoito da sorte pode mudar o seu destino? Quer saber como é a vida após a morte?

Se algum desses temas despertou o seu interesse, esse livro é para você. “Onze Contos” é a sequência do “Dez Contos”, uma coletânea rápida de exatos onze continhos para ler quando e onde quiser. Meu amigo Conrado seguramente lia no banheiro (e pelado). Todos eles são frutos da minha imaginação e, em sua maioria, chegaram a mim em algum momento inusitado no ano de 2018.

[< COMPRE AQUI >](#)

DOZE CONTOS

Você conhece o homem que inventou a hashtag?

Você conhece alguém que vive tudo ao contrário? Como seria o diálogo entre dois amigos sobre a venda do mundo? Qual seria o resultado de uma plantação de anão? Quer saber o porquê de se escapar do evento mais temido do fim do ano: o amigo oculto?

Se algum desses temas despertou o seu interesse, esse livro é para você. “Doze Contos” é a sequência do “Onze Contos”, que por sua vez procede o “Dez Contos”. Uma coletânea rápida de exatos doze continhos para ler quando e onde quiser. Como esse ano de 2019 venho sofrendo de insônia, escrevi a grande maioria desses contos cedo pra dedéu, deitado no sofá da sala, acompanhado do meu gato Jamal, que tem por objetivo (ou obsessão) morder o meu pé.

[< COMPRE AQUI >](#)

☞ Quer fazer uma reunião de condomínio comigo? Ótimo. Só me escreva antes no:

willmonteath@gmail.com

☞ Quer me stalkear e saber mais sobre como é nascer e crescer em Copacabana?

[instagram.com/willmonteath](https://www.instagram.com/willmonteath)

☞ Quer me dar aquela força?

É só deixar aquela resenha sincera na Amazon, Skoob, Goodreads, Instagram, Youtube ou na rede social de sua preferência. Valeu, meu Pombo.

☞ Quer sacar mais do meu trabalho?

willmonteath.com.br



Todos os meus livros estão disponíveis na Amazon.

